

Cristina dos Gerais

Um encontro da religião com a ciência



Ruy Miranda

Informações Sobre o Livro Eletrônico

Título: Cristina dos Gerais - Um encontro da religião com a ciência

Autor: Ruy Miranda

Direitos Autorais © 1998 de Ruy Miranda

Edição Eletrônica por Ruy Miranda em 2004

Pintura da capa, pintura e desenho internos por
Antônio Bráulio Vilhena Neto

Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados ao autor

Ruy Miranda.

Av. José Osvaldo Araújo 180

Belo Horizonte – MG

CEP 30.350-680 – Brasil

<http://www.biblia-ciencia.com>

ISBN da Edição Impressa em Português: 85-87042-07-6

ISBN da Edição Eletrônica em Português: 85-901824-2-8

ISBN da Edição Eletrônica em Inglês: 85-901824-8-7

Publicação de Ruy Miranda



Sumário

- Capa
- Informações Sobre o Livro Eletrônico
- Mapa da Fazenda
- Breve Comentário..... 8

- Capítulo 1 - O Número Quarenta na Bíblia..... 9
- A Misteriosa Luz Azul..... 9
- Conflito na Família..... 15
- O Número Quarenta na Bíblia..... 21
- O Número Quarenta na Astronomia..... Apêndice

- Capítulo 2 - Missão Desconhecida..... 34
- Preparativos para a Missão Desconhecida..... 34
- Medo e Coragem..... 37
- Visão dos Gerais..... 41
- Genes e Cromossomos..... Apêndice
- Adoção..... 45
- Escolha..... 48
- A Caminho do Destino..... 52

- Capítulo 3 - Cristal de Quartzo..... 59
- Uma Jovem dos Gerais..... 59
- Primeira Manifestação de Poder..... 64
- Ruptura..... 70
- Adaptação..... 71
- Começa o Trabalho..... 73
- Eletricidade dos Cristais..... 77
- Quartzo..... Apêndice
- Efeito Piezoelétrico..... Apêndice
- Bezerro Escondido..... 81
- Vaca Brava..... 83

- **Capítulo 4 - As Entranhas dos Gerais.....88**
- Primeiros Resultados.....88
- O Solo Agrícola.....Apêndice
- As Entranhas dos Gerais.....92
- Cristal de Quartzo.....Apêndice
- A Dor do Amor Perdido.....96
- Mapa das Entranhas dos Gerais.....102
- Multiplicação do Solo.....105
- Argilas.....Apêndice
- A História de Edu.....106
- Vereda e Oásis.....111
- Cristina Deslança.....118

- **Capítulo 5 - Sonhos e Apreensões.....123**
- Teste dos Sinais.....123
- Fé Mentirosa.....125
- Problemas com o Formigamento.....133
- Sentimento de Derrota.....137
- A Semente do Mal.....148
- Tesouro Muito Importante.....143
- Diamante.....Apêndice
- Revolta.....156

(Final da Amostra Gratuita)

- **Capítulo 6 - Sinais Revelados.....160**
- O Bamburro de Cristal.....160
- A Guarda do Tesouro.....169
- Você Pode Ser Uma Exceção.....174
- Versículo do Salmo: Relatividade do Tempo.....174
- Moisés e a Velocidade da Luz.....Apêndice
- Calendário Judeu.....Apêndice
- Velocidade Limite no Universo.....Apêndice
- Relatividade: A Inspiração de Einstein.....Apêndice
- Evolução do Universo.....180
- Problema com o Salmo 90, Versículo 2.....Apêndice
- Moisés e o Universo.....Apêndice

● Órbita Bíblica da Terra.....	183
● Cálculo da Órbita Bíblica da Terra.....	Apêndice
● O Sistema Solar de Moisés a Galileu.....	Apêndice
● Órbitas Bíblicas dos Planetas.....	184
● Órbitas Bíblicas e Astronômicas dos Planetas Internos.....	Apêndice
● Vênus: Particularidade.....	Apêndice
● Chuvas de Verão.....	189
● Processo das Chuvas de Verão.....	Apêndice
● Capítulo 7 - As Revelações Continuam.....	193
● Comemorações no Retorno.....	193
● Argila e Evolução na Terra.....	196
● Lobo Frontal.....	Apêndice
● Argilas: Núcleo da Vida.....	Apêndice
● Primeiro Eva.....	Apêndice
● Desenho de Costelas e Cromossomos.....	Apêndice
● Desdobramento do Solo e Síntese da Argila.....	204
● Captação de Argilas.....	207
● Chuvas da Esperança.....	209
● O Trabalho do Agrônomo.....	214
● Cristal da Ambição.....	218
● Terceiro e Quarto Anjos do Apocalipse.....	223
● Partículas Virtuais: Memória do Universo.....	Apêndice
● Viagem Intergaláctica Passiva.....	Apêndice
● Encontro com a Multidão.....	229
● Fim da Missão.....	233
● Capítulo 8 - O Inesperado.....	239
● O Raio.....	239
● Procura Aflitiva.....	243
● Amnésia Retrógrada.....	Apêndice
● O Desespero Ronda.....	248
● Ambição Generalizada.....	254
● A Enchente.....	261
● Sequestro.....	266

- **Capítulo 9 - Cristina dos Gerais.....275**
- O Desaparecimento.....275
- Buscas e Fuga.....277
- Cristina dos Gerais.....284
- Procura Solitária.....285
- Temores.....297
- Pesar.....288

- **Capítulo 10 - No Limite do Universo.....295**
- Nos Calcanhares.....295
- Arrependimentos.....297
- No Limite do Universo.....300
- Partícula e Antipartícula.....Apêndice
- Primeiros Contatos.....310
- Final do Sequestro.....315
- Acolhimento.....318
- Desdobramentos.....324

Apêndice - Boxes com Conteúdos

Breve Comentário

Na aventura aqui descrita, fatos científicos ou religiosos ficaram impregnados de ficção. Os fatos religiosos referem-se a textos da Bíblia.

A Bíblia tem muitas traduções com pequenas, mas significantes diferenças. A escolha recaiu em tradução feita das línguas originais para o português, pelo fato de ser mais usada no Brasil. O leitor deve ser compreensivo com eventuais diferenças com a Bíblia que usa.

No texto aparecem algumas chamadas assim: {Leia ...} Quando se clica um desses locais, aparece uma página do Apêndice com o texto correspondente. O texto pode ser uma informação, uma explicação e/ou alguma conjectura sobre o que se passa na narrativa. No final de cada box existe a chamada Voltar ao Texto que, ao ser clicada, faz retornar ao texto da narrativa. Não é necessário ler os conteúdos desses boxes para se compreender e acompanhar a narrativa.

"Mil anos, diante de Vós, são como o dia de ontem que se foi ou como uma vigília da noite."

Salmo 90(89):4

Capítulo 1 – O Número Quarenta na Bíblia

A Misteriosa Luz Azul

O ônibus deixou a região urbana de Belo Horizonte e pegou a estrada rumo ao norte do Estado de Minas Gerais, levando a jovem Cristina. Assentada junto à janela, seus olhos estavam voltados para a paisagem, mas a mente repassava fatos de sua vida, em especial os das últimas semanas. Aquela viagem foi precedida de muitas incertezas, que a jovem julgava ter superado. Mas agora, ali no ônibus, a caminho de uma região desconhecida, as dúvidas voltavam com as lembranças e despertavam algumas apreensões.

'Tenho mesmo uma missão a cumprir lá? Ou será que papai e a tia Luci tinham razão? E se for tudo uma fantasia, um sonho, um engano meu?... E se me acontecer algum problema?' – eram perguntas que ela se fazia, apesar de já ter prometido a si mesma não voltar a esses assuntos.

Entretanto ela tinha razões de sobra para pensar no passado e no futuro – alguns fatos recentes haviam mudado de forma radical a sua vida e só nos próximos dias, ou talvez meses, saberia se a mudança era definitiva ou temporária.

Cristina era uma jovem ativa e, até poucos anos antes, levava uma vida muito parecida à de muitas meninas que entram na adolescência – curtia a vida com turmas de amigos e namoricos, e estudava o suficiente apenas para passar de ano. Entretanto, no começo do segundo grau pôs em prática um plano que, acreditava, a levaria à universidade: encarar os estudos com seriedade, rever por conta própria matérias de anos anteriores e restringir o

lazer aos fins de semana. O plano deu certo – logo após o segundo grau ela entrou para a universidade, onde cursava Física.

Com a mudança no modo de encarar os estudos, descobriu também o enorme prazer que o conhecimento geral lhe dava. Passou a ler assuntos muito diversos, como astronomia, química, biologia. Estudou metodologia científica e tornou-se uma ardorosa e quase intransigente defensora do conhecimento adquirido através da pesquisa. Por outro lado, conseguiu conciliar o tempo de forma maravilhosa, de sorte que tinha namorado firme e saía nos fins de semana. E foi num fim de semana, quando estava acampada, que sua vida começou a dar a guinada.

Era sexta-feira e, no cair da noite, o namorado e os amigos foram fazer compras. Cristina preferiu ficar sozinha no alojamento, pois uma estranha angústia rondava-lhe o espírito; era uma sensação de sofrimento interno sem causa aparente. Decidiu ler um pouco; talvez a leitura de algo leve lhe devolvesse o sossego, mas isso não deu resultado. Pôs-se a pensar e recordou-se de sensação parecida na tarde de um domingo distante, quando tinha no máximo sete anos. Naquela ocasião ela havia se indagado com quem e de que ia brincar. A pergunta soou estranha, posto que todo o seu tempo era, de modo natural, ocupado por brincadeiras com as amiguinhas. Paralelamente uma aguda sensação, entendida em épocas posteriores como sendo de angústia, percorreu-lhe o corpo. Foi uma sensação rápida, mas marcante, tão marcante que jamais a esquecera. Deitada ali no alojamento, ela comparou as duas. A primeira foi intensa e rápida, e a que sentia agora era leve, porém per-sistente. Ambas inexplicáveis. Deixou de lado esses pensamentos, apagou a luz, tentou relaxar e dormir um pouco; podia estar apenas cansada. Conseguiu não mais do que alguns cochilos, ainda assim, com sobressaltos.

A certa altura o aposento foi invadido por luzes misteriosas – uma era azul e pairava no ar a pouco mais de um metro de seu rosto, e as outras, brancas, deslizavam em diversas direções em torno da luz azul. Cristina pensou que fosse uma brincadeira qualquer dos amigos, mas logo percebeu que isso seria impossível. Aí ficou assustada.

“Fique tranqüila” – ouviu ela. A voz, feminina, emanava do lugar no espaço onde se situava a fonte de luz azul. Percebeu, em seguida, que essa fonte se ampliara, envolvendo todo o seu corpo. “Estamos aqui para dizer-lhe que você faz parte da cadeia de missões especiais – continuou a mesma voz. Todas as pessoas têm uma missão a cumprir. Poucas têm algo de especial a fazer. Você é uma dessas poucas.”



O susto deu lugar à perplexidade. Ela não sabia o que dizer. Pensou que estava sonhando, que logo ia acordar e tudo ficaria bem. Entretanto, uma parte sua, mais profunda, mais sentida do que pensada, alertou-a para a

Possibilidade de aquilo estar acontecendo de fato. Imaginou, em seguida, que podia estar naquele estágio intermediário, nem dormindo nem acordada, e no qual é impossível ir para um estado ou para o outro pela vontade. Esforçou-se para acordar, mas não conseguiu. Fez uma tentativa de mexer com o corpo e viu que estava acima do leito, levitando. Ocorreu-lhe que tinha como alternativa deixar o sono aprofundar-se, mas essa entrega também não deu resultado. Teve ímpetos de alarmar-se, mas ponderações de que nada daquilo seria verdadeiro, acalmaram-na, pelo menos em parte, mas acalmaram. E lá no fundo do seu ser, a notícia de ter uma missão a desempenhar fermentava um medo. As luzes permaneciam lá, como que esperando suas conclusões. Ficou um tempo oscilando entre essas hipóteses sem se decidir. Quando viu que conseguia falar, perguntou:

“O que está acontecendo? Que missão é essa?”

“Você ainda não está preparada para entender este encontro. Quanto à missão, você saberá através de instruções que lhe serão passadas” – foi o que ouviu.

A notícia de que a missão seria informada depois voltou a acalmá-la. Se fosse verdade ela ia ter tempo para pensar no que fazer. Se fosse sonho, ficaria completamente aliviada quando acordasse. Mas a simples consideração de que aquilo podia ser verdade reacendeu o medo – afinal, missão implicaria em um-dança, em deixar sua vidinha tão boa, em encarar o desconhecido. Não cus-tava pedir mais informações. Movida pela expectativa de tudo se esclarecer e ela voltar ao seu normal, retornou:

“De que modo vou saber?”

“Através do seu pensamento. Se for necessário, nós voltaremos.”

Tomar conhecimento de uma missão através do pensamento era algo muito esquisito e, a princípio, sem propósito. Pensar isto acalmou-a, pois reforçava a hipótese de que não era verdade o que se passava. Mas ela era uma moça curiosa e aquilo precisava ser esclarecido. Insistiu:

“Do pensamento? Como vou saber que um pensamento é uma instrução e não um simples pensamento meu?”

“Você saberá. Entretanto, você as seguirá se quiser. Se a sua decisão for a de segui-las, serão revelados sete sinais através de você.”

Esta informação trouxe de novo a inquietação. Entrar no campo de revelações e de sinais? E ainda sete? Ao considerar especificamente este número, o medo voltou. Quando se lembrou que lhe estava sendo dada alternativa – seguiria as instruções se quisesse – tornou a se acalmar. Mas aquela história de sinais aguçou sua curiosidade e ela retornou, apesar do sobe e desce de emoções que aquilo estava causando:

“Que sinais?...”

“Para tudo há o momento próprio. Eles dizem respeito à evolução e ao futuro do ser humano.”

Esta notícia deixou-a relaxada, ou quase totalmente relaxada. Afinal, se se tratava de conhecer a evolução e o futuro do ser humano ela não precisaria mudar sua vida. Por outro lado, o tema evolução e futuro era estimulante, ela não podia negar, ainda que estivesse sonhando ou pensando naquele estágio intermediário. Achou que devia deixar bem claro a opção que lhe era dada:

“E se eu não aceitar a missão?”

“Outro ser humano o fará.”

Depois disso as luzes desapareceram e Cristina ficou ali, deitada, sentindo o corpo em contato com o leito, plenamente acordada. As dúvidas continuaram. Passados dois minutos, ou três no máximo, ela se viu surpreendentemente calma, sem medos. Acendeu a luz e levantou-se. Com os olhos percorreu o aposento – tudo estava em ordem. Pensativa, foi até o lado de fora – no pequeno bosque ali perto, estava tudo quieto. De volta ao aposento, deitou-se de novo. Ela tinha quase certeza que não dormira, embora o que tinha acontecido parecesse um sonho. Podia ser apenas uma imaginação, pura imaginação que teve naquele estágio intermediário entre o

sono e a vigília, coisa que já lhe ocorrera algumas vezes antes. Entretanto ela estava muito impressionada com aquelas coisas, principalmente com a parte que dizia que ela tinha uma missão especial a cumprir. E ademais, aquela sensação de angústia havia desaparecido por completo, como por encanto.

Quando o namorado João e os amigos chegaram, a quietude do ambiente foi quebrada pela algazarra. Cristina foi estar com eles. Passado algum tempo e tendo o barulho diminuído um pouco, ela chamou todos para perto de si e começou a relatar-lhes o que ocorrera. Um dos jovens interrompeu-a:

– Isso é brincadeira sua não é?

Foi seguido pelos outros:

– Vai ver que você teve um pesadelo.

– Ou um sonho.

– Será que você está vendo coisas?

– A voz era cavernosa e vinha dos confins da Terra? – esta pergunta arrancou risos dos demais.

– Esqueçam – disse Cristina interrompendo a narrativa. – Não está mais aqui quem contou essas coisas.

É compreensível que ela tenha ficado aborrecida; além de ouvir comentários desdenhosos, não falou do assunto tanto quanto precisava.

João e uma das amigas chamaram-na para fora e pediram-lhe que contasse o que ocorrera. Apesar da receptividade dos dois, Cristina achou melhor omitir a parte relativa à revelação dos sete sinais e sobre a evolução e o futuro do ser humano. *'Vão achar que fiquei maluca – pensava. E talvez eu esteja mesmo...'* Deixou de falar também que a voz que ouvira era feminina.

Naquela noite, no acampamento, a jovem não pregou os olhos. Ela continuava impressionada com o episódio. A voz da misteriosa luz azul passava e

repassava em sua mente como um eco distante. No sábado e no domingo ficou pensativa, taciturna. Nem mesmo a companhia de João, sempre afável e com-preensivo, devolveu sua habitual alegria. Sentiu falta de Clara, a amiga íntima que não pôde ir acampar com eles e com quem poderia falar de modo mais livre. Teve a impressão de que o inesperado, aquela coisa que vem e muda tudo, podia estar chegando para ela. Aquela coisa que a gente pensa que só acontece com os outros, como se a nossa vida fosse imune às incertezas e ao impre-visível, podia estar batendo à sua porta. A hipótese de uma mudança brusca de vida, ainda que remota, gerou na jovem periódicas ondas de medo.

Conflito na Família

Enquanto o ônibus continuava a viagem, as lembranças se sucediam – o período posterior àquele fim de semana foi dramático. Passou dez dias em indagações contínuas sobre o episódio no alojamento. *'Missão especial... pen-sava, já determinada? Vou saber coisas sobre o ser humano? Sete sinais?... Estou ficando louca? O que estou pensando agora é uma instrução ou uma vontade minha?'* Clara foi, nesse período, a amiga de sempre e o estuário de suas indagações; mas mesmo para ela Cristina omitiu a parte relativa aos sete sinais. Deixou de falar-lhe também que a voz que emanava do centro de luz era feminina.

Embora resistisse à idéia, foi inevitável pensar que algo sobrenatural lhe tivesse acontecido. Pensou até que fosse uma daquelas coisas de es-píritos do além, das quais sempre desconfiara. Em todos os filmes que vira, ou relatos que lera, as vozes do além eram sempre masculinas. Nunca havia uma que fosse feminina. Isso aumentava suas desconfianças e parecia, para ela, asse-melhar-se com a posição secundária que as mulheres ocupam na história e nos ritos de quase todas as religiões do mundo. Entretanto, a voz

que ouvira no alojamento era feminina e não tinha nada de caver-nosa. Ao contrário, era clara, limpa, direta, vinda dali, de um metro de distância.

Esse detalhe a confundia – podia ser tanto a negação como a confirmação de um contato sobrenatural. Além da tortura causada por essas dúvidas, ela tinha de enfrentar ainda a sua própria censura – estaria cometendo um erro ao afastar-se do pensamento lógico, metódico, objetivo da ciência e deixar-se levar por coisas subjetivas e até irracionais. Tudo isso mantinha seus pensamentos a mil.

No meio desse turbilhão uma ordem alojou-se em sua mente:

“Vá para o campo, para os gerais.”

Esse pensamento, que durou cerca de quarenta horas, levou Cristina a deixar de lado os estudos e uma certamente brilhante carreira no futuro. Foi um pensamento constante, desses que ficam martelando sem cessar. Por ser estranho à jovem, ela elaborava outras instruções mentalmente, para substituí-lo, rebatê-lo, mas era inútil: lá vinha o pensamento “Vá para o campo, para os gerais”.

Durante esse tempo ela não dormiu e nem se alimentou. Exausta com esses exercícios mentais, desabafou em silêncio: *‘E a minha liberdade de escolha, onde está? Estou sendo pressionada a aceitar essa droga de missão! Eu nem sei o que é “gerais”!’*

A partir desse desabafo fez-se completo silêncio em sua mente. Foi como a calma que chega após uma tempestade. Essa mudança convenceu-a de que estava diante de uma instrução superior ou de algo que vinha do fundo de sua alma. E uma coisa assim não podia ser ignorada. Essa consideração, aliada a um anseio muito bem escondido dentro de si, de viver uma aventura, levaram-na a decidir-se pelo atendimento àquela ordem. Se o seu estado naquele período foi preocupante para a família, a decisão foi motivo de pânico.

– O que você vai fazer nos gerais, se nós viemos de Bocaiúva, e lá tem gerais, só por causa de você?! – perguntou o pai aturdido.

– Tenho uma missão a cumprir lá.

– Missão?! Que missão?... Que coisa boba é essa? – insistiu ele.

A jovem fez um relato do que se passara desde aquela sexta-feira (guardando os segredos citados) até a sua tomada de decisão. E disse ainda que eles eram, juntamente com Clara, os primeiros a saber, em detalhe, o que ocorrera com ela até aquele dia.

– Isso é loucura, minha filha!... – voltou o pai. – Você não pode estar no seu juízo perfeito. Os gerais são quase um deserto! O que uma moça como você vai fazer lá?

'Então lá é quase um deserto...' pensou.

Esta foi a primeira informação que recebeu sobre os gerais e que a fez ficar imaginando como seria por lá. Vendo-a pensativa, o pai achou que ela estava mudando de idéia.

– E então, você vai deixar isso pra lá?

– Não quero te magoar, entende? mas ainda que fosse o próprio deserto eu iria.

– Você vai ficar muito tempo lá? – indagou a mãe aflita pois, conhecendo bem a filha, sabia que a decisão era definitiva.

– Não sei mãe, não sei...

A discussão prosseguiu. O tom era ditado pela aflição da mãe, firmeza da filha e inconformismo do pai. E era compreensível a reação dele, especialmente porque Cristina era filha única.

– Não dá pra aceitar uma coisa dessa – disse ele. – Viemos pra Belo Horizonte pra você ter todas as oportunidades de estudar, ter um bom futuro, você era apenas uma menininha... e agora você fala em ir pro interior e ainda por cima, pros gerais?! – depois de dizer isso ele se afastou visivelmente aborrecido.

No dia seguinte, voltaram a conversar na hora do café da manhã. Lá estava também Luci, tia pelo lado paterno, que não tinha filhos, nem se casara, e que nutria por Cristina sentimentos maternais, embora possessivos.

– Minha filha – começou o pai em tom mais receptivo –, acho que nem precisa dizer que eu e sua mãe não dormimos esta noite. Continuamos esperando que você desista dessa idéia maluca.

– Fiquei sabendo do caso agora de manhã. Não acreditei. É verdade mesmo? – antecipou-se a tia.

– Quero – começou Cristina – que vocês não se preocupem. Eu também pensei muito esta noite, entende? Vi que estava esperando o impossível: vocês me compreenderem. Mas não vamos brigar por causa disso... – concluiu em tom de súplica.

– Passei a noite engasgado com uma pergunta – retornou o pai. – Você está querendo ir atrás da sua mãe verdadeira? – referia-se à condição de filha adotiva.

– De maneira alguma!... – respondeu a jovem com certa aspereza, para em seguida voltar ao seu tom normal. – Minha mãe verdadeira é a que me criou.

– E você sabe o quanto eu te amo – comentou a mãe.

– É, mas eu acho que você perdeu o juízo – voltou a tia.

– Até você, tia? Eu não estou louca. Sei muito bem o que estou fazendo.

– Como você sabe o que está fazendo – reagiu o pai –, se diz que nem sabe direito o que vai fazer lá?

– E essa história de missão? Isso é coisa de pessoa perturbada – acrescentou a tia.

– Vocês podem pensar o que quiserem. Eu vou de qualquer jeito.

– E deixar a gente aqui, assim?! – retornou a tia, com voz de choro.

– Eu tenho direito de ter a minha vida e escolher o que fazer com ela – respondeu com firmeza. – Ou vocês pensam que eu só devo fazer o que vocês querem?

– Isso é outra coisa – voltou o pai, com rispidez. – Estamos falando de uma decisão maluca...

– Ficamos assim: vocês dois acham que eu fiquei louca e eu acho que estou no meu juízo perfeito. Eu vou e o tempo vai dizer de que lado está a razão.

Estava claro que a separação era muito dolorosa para aquela pequena família. O secular problema do anseio de liberdade dos filhos para terem suas próprias vidas chocando-se com a necessidade dos pais de dar proteção, era o núcleo do desentendimento e da dor.

– Não vamos deixar um assunto tão sério entregue ao tempo – voltou o pai. – Eu acho que você deve se submeter a um exame, um exame psiquiátrico... Missão... que coisa mais doida...

– Exame psiquiátrico?... Eu não preciso de exame algum.

– Você deve fazer o exame, pro seu bem – interveio a tia, chorando.

– Eu quero que você faça o exame – de novo o pai.

– Não sou obrigada e nem vou fazer.

– Obrigada você não é – retornou a tia, em lágrimas e com certa irritação na voz. – Mas se não quer fazer, é porque você mesma duvida...

– Ainda que eu tivesse dúvidas, não seria obrigada. Não estou contrariando a lei e nem fazendo mal a ninguém, entende?

– Mas nós não podemos ficar aqui, passivamente, esperando que o tempo diga se você está com alguma perturbação ou não – argumentou o pai.

– E a gente... sofrendo aqui... esperando... – acrescentou a tia.

Cristina estava acostumada a lidar com situações semelhantes na família – de um lado, o pai com suas atitudes firmes; e de outro, a tia fazendo jogo emocional. Entretanto, sentia-se um pouco abalada todas as vezes que, mesmo sem razão, a tia a culpava por um sofrimento qualquer, como

naquelas circunstâncias. Em algumas ela cedia. Em outras não – era o caso em pauta.

– Vou sair e só volto na hora do jantar – disse ela cortando a discussão.

Após aquele desentendimento a jovem ficou mais convicta de que tinha mesmo de guardar segredo sobre as revelações.

Na Faculdade ela preencheu os formulários em que suspendia a matrícula por tempo indeterminado. Encontrou-se com colegas e amigos e disse-lhes que ia fazer uma viagem, sem entrar em detalhes. Almoçou com o namorado João e a amiga Clara, com os quais comentou a pressão que estava sofrendo em casa.

– Sei que eles vão continuar contra. Isto é tão ruim... Queria tanto que eles entendessem...

– É sempre assim – confortou Clara –, quase todos os pais são iguais. Eles acham que sabem o que é melhor pra gente.

– Você deve ser compreensiva com eles – sugeriu João. – Eles só têm você e deve ser difícil aceitar você sair assim. E ainda tem a Luci... Estão com medo da separação...

– Eu pensei exatamente isso. Preciso ter muita paciência pra levar essa situação. Agora, aqui pra nós: eu estou decidida a ir, mas lá no fundo, bem no fundo, estou com um pouquinho de medo, entende? É uma coisa esquisita mesmo, sair assim... deixando tudo...

– Se você demorar muito lá, eu vou te buscar – disse João em tom de brincadeira.

À tarde, Cristina foi à empresa para a qual fazia trabalhos sob encomenda. Disse ao gerente que nos próximos dias entregaria o serviço que estava fazendo e pediu para que fosse excluída da escala de futuras encomendas, por motivo de viagem.

– Já estou sabendo – disse ele. – A Luci me telefonou. Na verdade ela até me pediu para te convencer a desistir, mas falei que eu não tinha direito de fazer isso.

'A tia está jogando pesado... pensou. Está mexendo com os pauzinhos.'

No final da tarde voltou a encontrar-se com Clara, quando falaram sobre as suspeitas do pai e da tia. Admitiu que ela mesma já havia se indagado sobre sua sanidade mental.

– Louca você não está – respondeu a amiga. – Quando a gente pensa uma coisa diferente, ou pensa em fazer coisa diferente e que espanta os outros, a gente fica balançada mesmo. Lembra daquela vez que eu queria jogar tudo pro alto, sumir? Eu pensei que estava ficando doida... – Abriu os braços e concluiu zombando: – E olha eu aqui!

'Será que ela ia pensar a mesma coisa se eu dissesse tudo? Sobre a revelação dos sete sinais?' Apesar desta dúvida, Cristina sentiu-se melhor com os comentários da amiga.

O Número Quarenta na Bíblia

Ao chegar em casa para o jantar, a jovem encontrou os três e mais um tio e um amigo da família. Percebeu que a aguardavam para uma reunião formal.

– Estivemos conversando – começou o pai voltado para a moça – e achamos que o assunto da sua viagem deve ser melhor estudado.

– Melhor estudado?! Estou pronta a conversar, entende? desde que não venham com essa coisa de que estou doida.

O tio ponderou que seria bom ela ouvir mais alguém. Afinal, era um assunto muito sério, uma decisão que poderia ter reflexos no resto de sua vida. O pai admitiu que se excedera, por causa da emoção, ao dizer que ela estava perturbada, louca, mas continuava achando que a opinião de um psiquiatra era necessária. – *Afinal, psiquiatra lida com pessoas normais*

também... – disse ele para reforçar. A tia, que era beata, sugeriu que ela ainda fosse falar com o pároco, conhecido de toda a família.

Assentada, a jovem apoiou a testa nas palmas das mãos e os cotovelos nos joelhos, em postura pensativa, enquanto eles aguardavam, em intensa expectativa, a sua resposta. *‘Querem que toda a cidade opine... É revoltante! Mas tenho de manter a calma. Quanto mais eu entestar, mais complicado vai ficar.’* Naquele momento veio-lhe à mente algo que ela havia lido, mas não se lembrava onde, e que dizia que em situações como aquela o melhor era não entrar na disputa, posto que isso levava a uma perda da autoridade e à derrota. Em contrapartida, era conveniente perseverar, apenas perseverar nos propósitos. *‘É melhor eu me submeter agora, e viajar depois, com os espíritos acalmados. Ao mesmo tempo, vou tomando as providências. Ele é jovem – ela agora pensava sobre o pároco –, poderá me compreender, e até ajudar a resolver esta pendência...’* Cristina aceitou a sugestão da tia e o ambiente desanuviou um pouco.

O pároco, um padre católico, recebeu-a de modo informal e gentil, no dia subsequente. Enquanto expunha seu caso, Cristina ouviu algumas perguntas que lhe deram a nítida impressão de que o assunto não era novidade para ele. *‘A tia Luci deve ter feito a cabeça dele’* – pensou.

Era conhecida a habilidade da tia para manobrar as pessoas, a partir da rede de influência que construía. Essa rede tinha duas bases: a igreja e o trabalho. Na igreja participava de inúmeras atividades e mantinha contato com muita gente. No trabalho ocupava uma importante função pública que ela usava com maestria para estabelecer vínculos, em que as pessoas ficavam devendo-lhe favores. Recebia para jantar, em casa, pessoas tanto de um grupo como de outro, inclusive o pároco de então e outros que o antecederam.

– E você está decidida a ir em frente... – comentou o padre quando ela terminou o relato.

– Estou. Seja uma verdade, um sonho ou uma fantasia, eu preciso passar tudo a limpo, entende?

– Acho que entendo. Nada é mais gratificante do que realizar um sonho. O meu sonho era ter uma paróquia como esta e eu me sinto muito feliz no meu trabalho. Deus guia os meus passos e guiará os seus também.

– Então você acha que é um sonho, uma aspiração minha? Acha que não foi uma visão, uma coisa real?

– A Igreja é cautelosa com respeito a aparições. E acho que sua família tem uma certa razão de estar apreensiva: você não tem nem um sonho muito bem definido...

– Isso é verdade, mas eu preciso ir assim mesmo.

A moça saiu um pouco decepcionada daquele encontro, o qual trouxe-lhe, de quebra, a lembrança dos problemas que teve com a religião. Quando menina ela era atenta e inquiridora. Numa aula de catecismo, preparando-se para fazer a primeira comunhão, indagou do professor:

– *O que Nossa Senhora, mãe do menino Jesus, falou de bonito?*

– *Falou de bonito?...* – respondeu ele, assustado.

– *É, de bonito. Só escuto falar de coisas bonitas que os homens falaram.*

A menina ouviu uma reprimenda e um pequeno sermão, dos quais só ficaram gravadas as últimas palavras – *...você só tem de guardar as coisas que estão escritas.* Mas ela não seguiu o conselho.

Na pré-adolescência e início da adolescência, pareceu-lhe que os poucos papéis relevantes das mulheres na história da religião eram quase que apenas de santa, de prostituta ou de traidora. A maioria, a imensa maioria, estava relegada a um segundo plano e a uma total submissão aos homens. Indagou-se por que um dos dez mandamentos recomendava ao homem não cobiçar a mulher do próximo e não fazia referência à cobiça da mulher pelo homem da outra. Por achar que havia em tudo isso um misto de injustiça e preconceito, sua fé ficou abalada.

Entretanto, a gota d'água que a levaria a afastar-se da religião foi uma recomendação do Apóstolo São Paulo para que, na igreja, as mulheres cobrissem a cabeça e permanecessem caladas – se quisessem saber alguma coisa, que perguntassem aos seus maridos em casa. A justificativa que o apóstolo dava era de que a palavra de Deus não viera através da mulher.

Cristina era uma jovem de temperamento mais para terno, o qual, naturalmente, não a impedia de sentir raiva ou indignar-se, como naquelas circunstâncias. Esse temperamento, associado a uma atitude reflexiva, que também lhe era própria, levou-a a rever suas posições. Isso aconteceu quase por acaso. Ela tinha ido à igreja para cumprir um compromisso social.

Na homilia o padre falou sobre questões históricas da religião, destacando dois aspectos. O primeiro foi a forma de transmissão dos ensinamentos nos primórdios, em particular os do Antigo Testamento – durante muitas gerações eles foram passados exclusivamente por via oral, de pai para filho, de sacerdote para fiéis. Isso, naturalmente, levou a distorções. O segundo foi a organização social que prevaleceu durante muitos séculos, baseada na família patriarcal. Era compreensível que nos relatos sobressaísse a figura masculina.

O padre usou a imagem de uma neblina, depois da qual surge uma paisagem iluminada pelo sol. Se se olha através da neblina, fica tudo embaçado, ofuscado, distorcido. Quando se olha depois da neblina, a natureza aparece em todo o seu esplendor. A neblina seria esses acréscimos, relativos aos costumes e padrões sociais dos diversos povos através dos séculos. Era preciso enxergar além da neblina, onde estava a essência, a verdadeira mensagem em toda a sua exuberância. Naquele momento Cristina teve a impressão de que tudo aquilo se aplicava direitinho aos problemas que ela vinha tendo com a religião.

Profundamente tocada, começou a prestar mais atenção nas mensagens dos textos bíblicos e, ao mesmo tempo, a rever suas posições. Viu, ainda,

que tudo aquilo se aplicava não só à religião católica, mas a quase todas as outras, posto que passaram por processo semelhante. Em qualquer uma era preciso ver além da neblina. Desse modo, as religiões não seriam machistas, como chegou a pensar no princípio, mas sim as culturas que lhes serviram de berço. No máximo, elas, as religiões, poderiam contribuir para prolongar o *status quo*, não pelas doutrinas, mas pela incapacidade dos seguidores, e até de muitos líderes religiosos, de muitos pregadores, de separá-las dessas questões históricas. A jovem se reaproximou da igreja, apesar de persistirem alguns pontos ainda obscuros.

Na reunião da noite, Cristina percebeu que o pai e a tia estavam com os semblantes mais desanuviados. A tia parecia dizer-lhe com os olhos: – *Não falei? Você precisa pensar mais nessas coisas...* O pai antecipou-se dizendo que, na opinião do padre, a decisão que ela havia tomado era sem lógica.

– Sem lógica? – indagou Cristina, irritada. – E eu estou atrás de lógica? Lógica é a minha vida toda! As coisas acontecendo na hora certa, no momento certo. Sei como ela vai ser daqui um, cinco, dez anos! Se eu já achava minha vida certinha demais, programada demais, agora que eu tenho motivos pra tentar uma coisa nova, vou preocupar com lógica?... De jeito nenhum!

Após essa explosão emocional, o tempo fechou outra vez. Agora, além do pai e da tia, também o tio estava contra ela. A mãe e o amigo da família praticamente só ouviam. E foi através deste último que o impasse começou a se desfazer: a jovem se avistaria com um pastor protestante.

De início essa sugestão pareceu-lhe um tanto fora de propósito porque todo o seu núcleo familiar era católico. O amigo argumentou que o tal pastor era uma pessoa muito culta, estudiosa e estimada pelas pessoas que freqüentavam sua igreja. A idéia, apesar de extravagante, começou a ser assimilada por ela e pelos outros também. Era uma saída para o impasse daquele momento, que incomodava os dois lados.

O encontro com o pastor protestante, batista, foi longo, estimulante e até surpreendente para a jovem. Ele era um homem de meia-idade, de aparência tranqüila e que, desde logo, manifestou sincero interesse pelo caso. Depois do relato, eles conversaram sobre diversos assuntos; detiveram-se mais nos mistérios da criação e do Universo.

– Qual vem a ser seu entendimento de “mistérios”? – indagou Cristina.

– Mistério, num sentido restrito, pode ser algum sinal sobre os planos de Deus.

– Espero que você não pense que sou pretenciosa, mas venho considerando essas coisas como mistérios, entende? Não nesse sentido divino, é lógico, mas como, no mínimo, uma grande coincidência.

– Explica melhor.

– Veja o tempo que fiquei me indagando sobre a instrução de ir pros gerais: durou quarenta horas, entende? E então me lembrei que o número quarenta aparece algumas vezes na Bíblia. Não tem uma parte que diz que o povo judeu foi condenado a vagar quarenta anos no deserto? – O pastor confirmou. – Jesus Cristo não jejuou quarenta dias e quarenta noites no deserto antes de ser tentado pelo demônio? – Nova confirmação do pastor. – Tenho certeza de que existem outras passagens com o número 40 na Bíblia, tem o dilúvio... não parei para pesquisar o assunto não. Por favor, não tome isto como blasfêmia, mas apenas como um exercício da minha imaginação, entende?

– De maneira alguma – retrucou o pastor com ênfase e apumando o corpo –, não considero isto uma blasfêmia; estamos apenas conversando de uma maneira aberta e sincera. – Após ligeira pausa ele disse: – Você tem razão. E eu sei quais são essas passagens; não estou certo também, de me lembrar de todas, mas vamos lá:

“No caso do castigo ao povo judeu, foi a uma parte; foi para aqueles que se recusaram a lutar pela posse da Terra Prometida – começou ele, tocando

o indicador da mão direita no dedo mínimo da mão esquerda aberta, como se estivesse iniciando uma contagem. – Cada ano no deserto era correspondente a um dia que os seus representantes ficaram em Canaã, espionando o aspecto do país e o povo que lá vivia. Ficaram quarenta dias lá e, portanto, foram condenados a vagar quarenta anos no deserto – agora ele tocava o anular.

“Moisés passou quarenta dias e quarenta noites no monte Sinai, sem comer pão e sem beber água, antes de receber as tábuas da Lei. – Agora ele tocava em seqüência o dedo médio e o indicador, como se prosseguisse a contagem.– Depois, vendo que seu povo caíra em pecado, quebrou as pedras onde Deus escrevera as Leis.

“Moisés voltou ao monte e passou mais quarenta dias e quarenta noites sem comer e sem beber.

“Moisés viveu cento e vinte anos, os quais foram divididos em três partes de quarenta anos cada.

O pastor prosseguia, tocando os dedos da mão esquerda como se continuasse uma contagem, embora já descompassado com a quantidade de vezes que citara o número quarenta.

“Aarão, colaborador de Moisés, morreu quando se passaram quarenta anos desde a saída do povo do Egito.

– É incrível! – comentou a jovem.

O pastor deu um discreto sorriso de assentimento e retomou:

“No deserto, durante a condução do povo, Moisés estabeleceu as bases de uma doutrina que ia desde os dez mandamentos até detalhes da construção do tabernáculo, o templo que era levado de lugar em lugar. Erguido em forma de tenda facilmente desmontável e transportável, tinha, entre as especificações, vinte pranchas de madeira de um lado e vinte de outro, qua-ren-ta pranchas portanto e que eram colocadas verticalmente. Cada prancha tinha dois su-portes de prata; logo, eram qua-ren-ta –

ênfatiou de novo – suportes de um lado e qua-ren-ta de outro. Está vendo o tanto que aparece o número quarenta?

– Estou. É muito interessante... Mas eu estou interessada no número quarenta vinculado a tempo apenas, entende? A objetos, não.

– Ah... certo! Mas veja que o número aparece muitas vezes ligado, direta e indiretamente, a Moisés. Continuando então:

“Isaac, filho de Abraão, tinha quarenta anos quando se casou com Rebeca.

“Quando Israel morreu, Jacob, filho de Isaac, passou a se chamar Israel, depois de lutar com um ser celeste, sabia? – Cristina balançou a cabeça. – Pois foi assim. Mas quando ele morreu, os médicos gastaram quarenta dias para embalsamar o seu corpo.

“Os filhos de Israel, povos chamados israelitas, alimentaram-se de maná durante quarenta anos até chegar à Terra Prometida.

– É mesmo incrível! – voltou a exclamar Cristina. – Isso dá o que pensar... Já até perdi a conta.

– Mas não acabou ainda não – continuou repassando os dedos na contagem imaginária. – O Antigo Testamento registra também, como você falou:

“No dilúvio choveu durante quarenta dias e quarenta noites.

– E ainda:

“Jonas, após ser expelido do ventre de um peixe, onde ficara três dias, anunciou a destruição da cidade de Nínive num prazo de quarenta dias. Destruição que não aconteceu, pela misericórdia de Deus, ante o arrependimento dos seus habitantes.

“Elias, depois de fazer duas refeições, empreendeu uma viagem de quarenta dias e quarenta noites.

Após uma breve pausa, e ante o pasmo da jovem, o pastor voltou a narrar.

“O Novo Testamento registra, além dos quarentas dias que Jesus jejuou no deserto, como você falou, um segundo fato: após a ressurreição, e antes de ascender ao céu, Ele foi visto pelos discípulos durante quarenta dias.”

– Portanto, há muitas passagens com o número 40 – concluiu.

– Puxa vida!... Tem muito mais coisa do que eu pensava! Não pode ser acaso. Deve ser um mistério. Que sinal está contido nele? Você sabe?

– Não sei. Na Bíblia há uma passagem que diz que os mistérios serão revelados em época própria e de acordo com as possibilidades de compreensão do homem. Mas quero te falar que eu também já tinha pensado muito nesse mistério do número 40 e até pedi a Deus, em oração, que me revelasse Seu plano.

– E o que aconteceu?

– Não obtive resposta. Ainda não chegou o tempo dessa revelação, ou não sou merecedor dessa atenção de Deus.

A jovem saiu confortada; aquele pastor já tivera pensamentos parecidos com os seus. Achou que ambos tentavam enxergar além da neblina. Isso indicava que ela podia confiar no que vinha pensando. E as coisas pareciam ter nexos.

O Número Quarenta na Astronomia

O número quarenta não está ligado apenas aos eventos citados na Bíblia. Ele é **encontrado também na Astronomia, mais especificamente na Via-Láctea**, a galáxia onde se encontra a Terra. Uma galáxia é um sistema estelar, aparentemente isolado num espaço do cosmo, contendo matéria sob formas de mais de cem bilhões de estrelas, aglomerados estelares, nebulosas, gás e poeira cósmica. O nosso Sol é uma das estrelas da Via-Láctea.

Esta galáxia é imensa, tem um **núcleo e duas partes adjacentes, chamadas braços, em forma de espiral, nos quais há grande concentração de material galáctico**. Como tudo que há no Universo, ela também está em constante movimento. No caso, um **movimento de rotação**. Os corpos (bilhões de sóis, planetas e incontáveis corpos menores) giram a velocidades diferentes. Os que estão **mais perto do núcleo giram mais rápido**. Nos braços espirais, os corpos mudam ligeiramente suas posições devido a diversos fatores.

Por esse motivo, **o nosso sistema solar fica, num período, dentro de um dos braços (o interno) e em outro período fora, alternando de posição, com o movimento giratório. Dentro do braço, permanece por quarenta milhões de anos, aproximadamente; fora, permanece por oitenta milhões de anos – um múltiplo de quarenta!** O nosso sistema solar leva cerca de **duzentos e quarenta milhões de anos para dar uma volta completa** em torno do centro da galáxia – mais um **múltiplo de quarenta!** Por outro lado, a **circunferência da Terra é de quarenta mil quilômetros**. E como se não bastasse, **a soma dos diâmetros dos chamados planetas interiores (Mercúrio, Vênus, Terra, Marte) e seus satélites (Lua, Fobos, Deimos) é de quarenta mil quilômetros**.

the 1990s, the number of people in the UK who are aged 65 and over has increased from 10.5 million to 13.5 million, and the number of people aged 75 and over has increased from 4.5 million to 6.5 million (Office for National Statistics 2002).

There is a growing awareness of the need to address the needs of older people in the UK. The Department of Health (2001) has published a strategy for older people, which sets out a vision for a society in which older people are able to live well, and to contribute to society. The strategy is based on the following principles:

- Older people should be able to live well, and to contribute to society.
- Older people should be able to live independently, and to be active in their communities.
- Older people should be able to live in their own homes, and to be supported to do so.
- Older people should be able to live in good health, and to be supported to do so.

The strategy also sets out a number of key objectives, which are to be achieved by 2010:

- To reduce the number of older people who are in poor health, and to improve the quality of their lives.
- To increase the number of older people who are able to live independently, and to be active in their communities.
- To increase the number of older people who are able to live in their own homes, and to be supported to do so.

The strategy is a key document in the development of policy for older people in the UK, and it is essential that all those who are involved in the care of older people are aware of its contents.

The strategy is based on the following principles:

- Older people should be able to live well, and to contribute to society.
- Older people should be able to live independently, and to be active in their communities.
- Older people should be able to live in their own homes, and to be supported to do so.
- Older people should be able to live in good health, and to be supported to do so.

The strategy also sets out a number of key objectives, which are to be achieved by 2010:

- To reduce the number of older people who are in poor health, and to improve the quality of their lives.
- To increase the number of older people who are able to live independently, and to be active in their communities.
- To increase the number of older people who are able to live in their own homes, and to be supported to do so.